VALERIO ODDIS JR

MARCELLO SALVAGGIO

EU

Copyright © 2024 *by* Marcello Salvaggio & Valerio Oddis Júnior

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas nem fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão dos autores.

Revisão
Raphael Chartres

Arte de Capa
Valerio Oddis Jr

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Salvaggio, Marcello
Eu / Marcello Salvaggio, Valerio Oddis Jr.. --
2. ed. -- São Paulo : Marcello Salvaggio, 2024. --
(Trissência ; 1)

ISBN 978-65-01-05553-4

1. Ficção de fantasia I. Oddis Jr., Valerio.
II. Título. III. Série.
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção de fantasia : Literatura brasileira
B869.93
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Dentro da Imaginação reside o multiverso, fora da "realidade" das fórmulas e imagens. A realidade contida em cada ser: suas esperanças, sonhos e anseios mais íntimos; muito além do universo, que por sua vez, sem se limitar à escuridão e ao silêncio, borbulha pleno dos lampejos de vida. – Trecho do capítulo V de *A Profecia Universal: Imaginação.*

PRIMEIRA PARTE

Alvorada

I

Há muitos milhões de anos, em uma região rochosa, acabava de nascer um novo dia na Terra.

As coníferas pareciam se abrir para os céus e as avencas ocupavam espaços discretos; estirados sobre as pedras, grandes lagartos quadrúpedes recebiam o calor do Sol, auxiliados no gerenciamento da temperatura corpórea por leques dorsais que incluíam os prolongamentos de suas vértebras.

Um réptil menor passou ali por perto e foi vítima dos dentes afiados de uma daquelas criaturas, cujas cabeças robustas eram dotadas de poderosos maxilares.

No entanto, tais predadores, que pareciam soberanos em seu domínio, viram-se obrigados a fugir porque o Sol escureceu e um estrondo cobriu todo o vale.

Não se tratava de um eclipse, mas de uma cidade suspensa no interior de uma imensa *gota* ou *olho* metálico cromado.

– Este planeta está me parecendo cada vez mais interessante. – Alguém falou em uma sala repleta de computadores triangulares dispostos em círculo.

À frente destes, estavam sentados humanoides com não mais de um e setenta de altura. Cada qual com na testa uma pequena protuberância óssea arredondada. A pele de todos eles alternadamente negra e branca, sem pelos no corpo a não ser os cabelos de cores e cortes variados.

O que falara ergueu o corpo e os olhos. Para fitar melhor a paisagem externa através do telão circular que envolvia o ambiente.

– O que lhe parece o dimetrodonte? Não é uma maravilha de nossa engenharia genética? – indagou um outro, de cabelos avermelhados curtos e olhos violetas.

– Colocar um cisco de nossa programação nos primitivos répteis deste mundo produziu espécies com uma só abertura lateral atrás da cavidade do olho – respondeu o que se erguera, de olhos vermelhos e cabelos pretos e lisos até a cintura, o único no ambiente a usar algum atavio, um brinco de ouro e prata na orelha direita, todos uniformizados em macacões justos em preto e branco. – O que acham que aconteceria se aumentássemos o grau de mescla com nosso código genético?

– Surgiriam espécies bizarras! Precisamos ter calma. As mudanças graduais sim que levarão nosso projeto ao êxito. Com uma bem pensada interferência de geração em geração. Nunca seremos como os arquitetos cósmicos se não soubermos dirigir nossa criatividade. Os heloins

são criativos, mas acima de tudo precisos e sem rabiscos em suas mentes.
– Poderíamos tentar certas experiências distintas. – Moveu os quatro dedos em cada uma de suas mãos, sentindo ali um formigamento; nos pés era o mesmo número, com uma sensação semelhante na sola, mas estes estavam encobertos por sapatos escuros, feitos do couro de algum animal desconhecido no planeta. – Bastaria em seguida eliminar o protótipo que saísse errado.
– Tem fascínio pelo bizarro, Promei? – inquiriu outro dos que se encontravam de frente para os computadores, um indivíduo de cabelos azulados e ondulados que lhe cobriam a parte traseira do pescoço. – Não é por nada, mas aberrações são perigosas. – Brilhou o verde de seus olhos, embora seu semblante parecesse brando. – Não que eu tenha medo, mas a cautela é necessária quando se escala uma montanha irregular como a Natureza. Prudência e temor não devem ser confundidos. – Prudência que, aliás, podia ditar certas ações daquela nave de aparência em alguns momentos orgânica, capaz de se camuflar ao ambiente, mas que agora se mostrava, estendendo-se por muitos quilômetros, e assim assustara os dimetrodontes.
– Desde que as aberrações sejam mantidas sob controle, não vejo mal nenhum em satisfazer a curiosidade – insistiu o que usava o brinco. – Respeitar a estabilidade não é temer o diferente. Se

temêssemos o que é estranho, não teríamos sequer migrado para este planeta.
– Não tínhamos escolha. – O de cabelos avermelhados retomou a palavra.
– Nosso sol morreria de qualquer maneira, mas temos bilhões de mundos habitáveis à disposição. Que a programação da Oceano estivesse dirigida para este sistema solar não significa que não seríamos capazes de mudá-la.

Oceano era o nome da colossal espaçonave que abrigava aquele povo cuja língua não possuía mais nenhuma palavra correspondente a *morte*. Abrigava, entretanto, sessenta diferentes vocábulos relacionados a *oceano* e *dissolução*.

No limite entre a máquina e a existência orgânica, captava vibrações cósmicas às quais os kadmons não ousavam se opor: fora a Oceano que encontrara as coordenadas do novo lar, rumo ao qual os conduzira. Portanto, aquele novo mundo *tinha que ser* o ideal.
– Mudar a programação significaria provocar um divórcio entre nós e o cosmo. Isso poderia significar nossa dissolução. O oceano cósmico não toleraria o afastamento. Flutuar é diferente de voar para longe. – Tornou a objetar o de cabelos azulados.
– Às vezes você é curioso demais, Promei – disse um terceiro, de olhos e ombros largos, que sempre fora visto sério e compenetrado.

Sem fazer cerimônia, Promei fechou o rosto e saiu, ainda que seu turno não tivesse terminado.

Todo kadmon passava pela sala de controle ao menos uma vez por mês, como parte de um grupo que se revezava com outros, mas não importava, estava cansado. Aliás, mais do que isso, sentira-se castrado, e não era a primeira vez. Não em seus órgãos sexuais, que havia milênios não existiam mais em sua espécie, e sim em sua consciência.

Em teoria o mais jovem de seu povo, clonado a partir de uma única célula do Promei anterior – que morrera vítima de uma das bactérias nativas do novo planeta – , era o que definiríamos como um cientista nato, ávido por conhecimento e borbulhante em sua curiosidade construtiva.

Um ou *uma* cientista? Na realidade, a começar pela ausência de órgãos sexuais entre os kadmons, nem uma coisa nem outra.

Enquanto a reprodução assexuada costuma acontecer em bactérias e em outros seres primitivos por divisão celular, fragmentação ou brotamento, no caso dos kadmons, quando algum indivíduo perecia, uma célula de seu corpo era destacada, purificada e colocada em um tanque placentário. A partir da matriz, mais e mais células eram produzidas por mitose, e geravam um indivíduo com quase as mesmas informações do anterior. A variabilidade genética, como se pode imaginar, muito reduzida.

De todo modo, naquele povo de poucos milhares, obcecado pela estabilidade, diferenças gritantes seriam vistas como sinais de desarmonia.

***

Com um ruído brusco, Promei trancou a porta do banheiro e se despiu em frente ao chuveiro, constituído por uma esfera esburacada suspensa que se movia junto com quem se banhava, acompanhando-o ou afastando-se de acordo com suas ordens. A cápsula de banho, um nível ainda mais íntimo naquele espaço, se fechava assim que a sinfonia da água começava a tocar.

Nos banheiros dos kadmons não havia espelhos e a água escorria quente e com força por aquele corpo liso. Alcançava o vazio no meio das pernas e descia até o chão. Promei se recordava de algumas de suas *vidas passadas*, ou melhor, das lembranças das ações que haviam chegado até ele e do que conseguia acessar da memória de suas células. Sentia dores físicas de outras existências como fortes aguilhoadas, fazendo questão de afastar da mente os bafejos do oceano primordial.

Terminado o banho, enxugou-se e vestiu roupas mais folgadas. Entre estas uma *harlog*, uma espécie de túnica comprida e colorida de gola alta.

Utilizadas no dia a dia, as harlogs se juntavam a calças e meias frouxas. Enfeitadas ou não por pedras preciosas e cristais dependurados.

Quanto a adornos diretamente no corpo, Promei, com seu brinco, era o único kadmon a usar um.

Sentou-se em frente ao seu computador pessoal. As telas daquelas máquinas muito finas e de um cristal semissólido, sensíveis ao toque. Era possível controlar os sistemas e elaborar textos tanto por via mental – ao conectar o monitor ao calombo ósseo na testa por meio de um cabo – como através de comandos de voz, da digitação na tela ou, caso houvesse algum grave problema técnico e nada disso funcionasse, por meio de um arcaico teclado, com quase duzentas pequenas teclas adequadas para os delgados dedos dos kadmons.

No entanto, não iria escrever: e sim escutar um texto do sábio Melchor, que guardara para quando tivesse tempo livre.

Em teoria, aquele não era um tempo livre, mas assim decidira.

– *Ao obter poder, prestígio e riquezas, todo ser sexuado dotado de raciocínio no fundo deseja os mais atraentes parceiros, e muitas vezes na maior quantidade possível, algo que se tornaria inviável ou a atração seria insuficiente com poucos recursos materiais e êxitos sociais.* – Cultores da estabilidade, os kadmons viam o sexo como um desvio perigoso. O grande culpado por levar inúmeras sociedades e bilhões de seres à ruína, desviando-os da evolução oceânica: – *Com o desejo sexual no ápice, o ser sexuado perde todo o altruísmo e o espírito comunitário, não hesita em*

pisar em seu semelhante para obter os parceiros desejados, e até satisfazer sua ânsia não consegue alcançar uma felicidade plena. Portanto, torna impossível o correto controle da mente para o adequado entendimento do cosmo e das leis da vida. As formas sexualmente atraentes desviam a atenção do indivíduo para seus centros psicoenergéticos inferiores e estimulam, com o passar das gerações, a atrofia da consciência e a disseminação de genes e formas mentais ligadas ao egoísmo e ao prazer animal, *isso sem deixar de mencionar o ciúme, que cria sentimentos de posse, rivalidades, atritos entre os semelhantes. Ninguém tem o direito de possuir outro indivíduo; ninguém tem o direito de ferir ou, pior, colocar um fim à vida de seu semelhante porque o outro teria infringido sua ridícula pretensão de propriedade orgânica. Não somos proprietários de nada, pois no oceano não se pode segurar uma onda: se for pequena, escapará pelos nossos poros quando buscarmos agarrá-la; se for grande, poderá nos afogar.* – Tocou a tela. Em um botão para pular para outro trecho. – *No sexo, além dos fluidos corporais, seres complexos colocam em ação potentes cargas psicoenergéticas. Quanto mais parceiros, mais os centros de energia psíquica ficam com resquícios das cargas alheias, mais e mais poluídos, debilitados e suscetíveis a atrair doenças físicas e emocionais. A ânsia pelo prazer escraviza o ser sexuado em desenfreio, que após*

cada ato sente um grande vazio existencial e é atingido pela moleza física. É nesse nada e nessa preguiça que as doenças atacam, pois a falta de perspectivas profundas e a indolência debilitam qualquer organismo.

Quando o ente sexuado tem apenas um parceiro, os danos são menores. Todavia basta ser percebido um olhar sexualmente incisivo de um terceiro para gerar o caos nos centros psíquicos dos indivíduos desequilibrados, tanto no que se considera dono, quanto no alvo. E assim, e pelos jogos infantis de dominado e dominador, dono e propriedade, é que nascem os ciúmes e consequentemente os litígios e conflitos de cunho territorial.

Na nossa espécie, as turbulências emocionais e biológicas destruíram gradativamente a instituição falida que antecedeu a verdadeira sociedade, Melchor, junto a Caspar e Balthassa, era um dos três pioneiros na ciência da biorenovação, entre os maiores guias de seu povo e respeitado sobremaneira por tê-lo conduzido à imortalidade, embora os kadmons não fossem afeitos à idolatria nem a cargos hierárquicos. Não havia nenhuma forma de governo, e sim uma rede de cooperação mútua, na qual o conhecimento e os recursos materiais eram distribuídos de maneira uniforme.

Unidos em uma compacta fraternidade, uma estrutura de tipo familiar também estava ausente. Sequer existiam palavras para *pai*, *avó* ou *mãe*. Restavam alguns vocábulos mais próximos de

irmão (que poderiam ser traduzidos como *semelhante*).

Se a teoria de Melchor estava certa ou não, fato que entre aqueles seres não se viam disputas ou jogos de poder, rivalidades, agressões físicas ou sentimentos de posse. Por outro lado, quiçá alguma dose de malícia lhes fizesse falta. Talvez presente em um certo indivíduo, muito curioso com relação ao mundo que o cercava.

***

Promei se cansou também do tratado de Melchor e foi para a cama. O que queria saber não estava naquele texto. Talvez não o encontraria em nenhuma obra redigida por kadmons.

Enrodilhou-se ali, mas não que precisasse dormir. Entre aqueles seres, as camas eram usadas apenas para meditar e relaxar, não com a finalidade de adormecer, pois os kadmons não tinham essa necessidade. Afora que aquele leito não podia ser definido como *real*. O maleável apartamento, de quinhentos metros quadrados e formato arredondado, na verdade não contava com quase nada além de um pequeno computador. Pela máquina, selecionavam-se os móveis e utensílios necessários no momento, como camas, mesas, cápsulas, aparelhos de som, enfeites e estantes dos mais variados tipos, manifestados por sofisticados campos de força, além de se fazer a ativação de

janelas, portas, chuveiros, banheiras e vasos sanitários.

Vieram então à mente de Promei, que não estava mexendo em nada exterior a si mesmo, recordações de cenas não tão distantes…

Ao se deixar imergir em uma destas, caminhava de macacão e sapatos duros, sozinho em um brejo nublado, entre hepáticas de folhas carnosas, musgos, cavalinhas e samambaias. Não havia sinais de perigo ou animais ameaçadores. Apenas tímidos e inofensivos rincossauros, répteis rechonchudos de bicos ósseos repletos de minúsculos dentes que mais pareciam espinhos.

De repente, sentira-se mal. Os olhos giraram, a visão embaçara e um zumbido estridente atordoara-lhe os ouvidos. Não conseguiria mais se manter de pé. Uma grande libélula passara e ouvira um estampido seco.

Perdera a consciência para acordar só em outro ambiente, onde os médicos em volta murmuravam que não havia mais esperanças para aquele corpo. Alguma entre as velhas células serviria para a formação de um novo ser e a manutenção da estabilidade populacional.

Demasiado curioso, deixara de forma temerária a Oceano para pisar no novo planeta sem o uniforme adequado e sem capacete de proteção. Em dias posteriores foram criadas vacinas imunizadoras e já não havia mais riscos, porém não soubera esperar.

Afogar-se no oceano: tivera que se submeter a uma grande onda, que deglutira seus olhos. Na escuridão, deixara de ser quem era, abrira mão de sua identidade; mas existia, afinal, alguma identidade? Se não existisse mais nada além de processos fugazes, valera a pena se sacrificar para buscar conhecimento.

De volta a si em seu presente, não conseguia encarar o antigo Promei da forma como faziam seus semelhantes, considerando-o um temerário. De alguma maneira, apesar de não ter mais a coragem ou a precipitação para sair por aí em um planeta desconhecido sem tomar uma vacina ou usar um bom capacete, conservava o espírito visionário, aventureiro, do dono de sua célula-mãe.

Seria exagerado dizer que Promei sentisse saudades de Hedin, o antigo lar de seu povo. Cultivava apenas lembranças celulares, pois nunca pudera estar lá em pessoa.

Nos últimos tempos daquele belo planeta, de gravidade quase idêntica à da Terra – uma das razões da escolha da Oceano – , a crosta estalara e partira-se, os terremotos haviam sido frequentes e violentos, os oceanos tinham se agitado aos borbotões, um calor pavoroso queimara os descuidados que se aventuravam a enfrentar a luz do dia. Oceano, a cidade dos kadmons, não tivera dificuldades para achar um novo mundo, ao passo que, no espaço de poucos anos após a partida, Hedin deixara de existir.

Em uma titânica fluorescência radioativa, abraçando-se e oscilando ao ritmo de ondas, nuvens de gases multicoloridas e de várias camadas haviam engolido os corpos celestes mortos ao redor. O antigo Promei pudera ver, ao se concentrar da maneira apropriada, conectado ao telescópio mentalmente guiado de seu computador, capaz de acessar qualquer local do universo e em qualquer época do passado apenas seguindo as instruções mentais do observador, o fim de seu sistema solar nativo.

O novo Promei tinha lembranças vagas daquele ocaso. Se quisesse, poderia pegar o telescópio, de não mais de dez centímetros de comprimento e cinco de diâmetro, grudá-lo no centro da testa, fecharia os olhos e veria em detalhes tudo o que seu antecessor vira. Mas as recordações de Hedin, gravadas em suas células, poderiam ser dessa maneira reavivadas. Logo, talvez, passaria a sentir saudades… Temia que o aguçar de velhas lembranças e a visão da aniquilação aumentassem sua agonia existencial e o deixassem louco.

Ademais, havia também outro temor, mais profundo. O medo de se perder na observação e regressar ao passado. Deixaria de ser ele mesmo para voltar a ser o Promei já falecido. Eram pessoas diferentes e não queria ser quem não era; ou ao menos era nisso que queria acreditar, por mais que os kadmons não fossem lá muito diferentes entre si.

***

Do mesmo modo que uma única célula contém as informações necessárias para a explosão do microcosmo que é um ser vivo, supomos que há bilhões de anos um ponto continha nosso universo inteiro em possibilidade.

A questão é: houve realmente explosão? Ou, assim como no primeiro olhar entre dois amantes já começa a germinar a primeira célula de seu futuro filho, foi o olhar do Criador que, ao contemplar o ponto, permitiu que a potencialidade se tornasse ato? O ponto sempre estivera ali, à espera do olhar. E, sem nos darmos conta, ainda nos encontramos nesse mesmo ponto, e junto conosco a totalidade da matéria e das forças do universo em que habitamos. Um grão de areia na praia do cosmo, sobre a qual o Criador repousa, luminoso, ao mesmo tempo que estende sua substância adiante e além, em forma de oceano.

Essencialmente, a grande explosão não é mais do que uma acomodação teórica, pois a explosão criadora ocorre a cada dia, em cada segundo de cada vida, e tudo se acha à disposição de todos. O maior e único problema real é que quase ninguém está acordado, e apenas quem vela com constância consegue ouvir o estrondo cósmico a tempo.

A explosão parcial de um sol lança ao espaço partes de sua própria matéria, as quais, dispersas, resfriadas e condensadas, dão origem a planetas.

Se estes são frações de uma estrela, por que haveriam de se desligar por completo dela? Assim se formam os sistemas solares. E, de igual maneira, por que um sistema solar deveria se sentir separado de sua galáxia, e sua galáxia de seu universo, e seu universo do cosmo? Assim se faz a Criação; assim o ponto é a explosão. – Trecho do capítulo III de *A Profecia Universal: Poder.*

A Oceano alcançara o céu e desaparecera do planeta Hedin em um lampejo, voando a uma velocidade quase ilimitada. Um tremendo estrondo ficara ecoando pela terra ressequida e pelos rios borbulhantes, feito o urro de um deus do trovão.

Parara no espaço, onde emanara uma luminosidade extensa e móvel, que dobrava e contraía para depois se expandir, que drenava e afundava. Em poucos segundos, surgira o túnel, uma brecha entre as estrelas que parecia feita de um vidro negro repleto de rachaduras.

Viajar pelo universo era simples para os kadmons, que segundos após deixarem seu planeta nativo já alcançavam um novo lar. Tiravam proveito dos redemoinhos do espaço sideral, dos resquícios energéticos constituídos por acúmulos de partículas de poeira espacial. A Oceano *puxava* o que existia ao seu redor como um aspirador. A cidade espacial ficava parada e o universo se movia na direção desejada, não o contrário.

Quando a viagem tinha início, todas as cores se reuniam em uma semente e escorria uma escuridão profunda entremeada de luzes incolores, sóis que vibravam, inchavam e se desfaziam, galáxias que se esticavam como que feitas de borracha, contendo trilhões de rostos e espíritos, máscaras e espirais saltando de caixinhas multicoloridas.

Breves instantes depois, um novo mundo aparecia disponível, como que trazido por um gesto de mão.

– A distância é apenas um conceito. Pelo menos nós, entre os diferentes povos do universo, conseguimos fugir das teorias e alcançamos o verdadeiro conhecimento. É por isso também que não há nenhum mal que nos sirvamos das outras espécies: se conhecemos o universo, qual o mal em nos servirmos do que há nele? – inquiriu um dos melhores oradores entre os kadmons, o sábio Melchor.

De olhos esmaecidos e tendo optado por não usar cabelos, caminhava com Promei – sendo de estatura ligeiramente menor – pelas ruas internas da Oceano. Instruía o jovem à sua maneira. A caminhada entre semelhantes muito prezada pelos kadmons, considerada um exercício precioso tanto para o corpo quanto para a mente.

– Os dimetrodontes foram o primeiro grande passo neste planeta. – Em meio a um azul e a um branco metálicos, despontavam ilhas de verde e cheiros de certos matos que inexistiam em Seivar – como fora batizado pelos kadmons o novo planeta – , além de

lagoas e córregos calmos, nos quais muitos se banhavam. Os edifícios de destaque torres finas com bases largas e topos arredondados, quase como mãos em prece a equilibrar uma esfera no alto dos dedos. Mas a mão de obra de que necessitamos ainda tardará a ficar pronta. – No interior das construções, os habitantes se locomoviam de andar em andar através de cabines de teletransporte. Bastava apertar um botão para desaparecer de um local e aparecer em outro. – Nossa meta é chegar ao nível dos heloins, inclusive sutilizando nossa matéria. O éter será nosso constituinte, não mais átomos ordinários. – Prédios com no alto estacionamentos, presentes em todos os quarteirões daquela cidade em eterna primavera, ofereciam descanso aos carros voadores automáticos, velozes átomos urbanos que circulavam sobre estradas invisíveis pelo céu artificial sempre claro. Seu painel de controle servia para ações específicas, como parar o veículo em caso de emergência. Eram movidos a energia etérica e se mantinham suspensos graças a uma avançada tecnologia de colchões de ar. – Mas precisamos ir com calma. – Melchor levava adiante seu raciocínio de forma tão atenta quanto seus passos. – Da mesma maneira como tivemos calma quando substituímos a energia nuclear pela etérica. Faremos tudo gradativamente.
– O que aconteceria se acelerássemos um pouco o processo? – A maioria venerava a Oceano, mas Promei preferia a natureza aberta. Não via a hora

de caminhar pela terra, sujar os pés de lama, encarar animais e plantas não domesticados. – Sinto como se faltasse ímpeto, velocidade… Coragem. – Promei se esforçava para imitar aquele passo harmonioso, mas falava em voz mais baixa do que o interlocutor.
– Horror. Aberrações. – Desta vez, Melchor falou com gravidade. – É isso o que deseja?
– Por acaso não somos aberrações aos olhos dos seres nativos deste planeta?
– Eles não têm consciência. São só ondas no oceano.
– Já usou o cérebro de algum deles? Penetrou na consciência de um peixe? Como pode falar com tanta segurança?

Sem resposta, Melchor arregalou os olhos, antes de encolher os ombros com desdém. Criar escravos obedientes para as mais variadas tarefas, máquinas orgânicas: um relevante passo para realizar o anseio dos kadmons. Mas a caminhada ainda era longa pela estrada que os conectava ao destino dos arquitetos cósmicos, os heloins.

Para quem já conhecia a imortalidade, o que era passar milhões e milhões de anos sem perder seus semelhantes e não conhecer sinais de decrepitude e decadência corporal, um grande e digno objetivo não seria mais se limitar a povoar ou governar planetas, e sim poder moldá-los e fazê-los borbulhar de vida. No caso dos que não possuíssem

formas de vida consideradas complexas, criar o ambiente propício para que estas se manifestassem.

Alguns povos, sabia-se, haviam vivificado planetas inteiros – seguindo prazos de bilhões ou milhões de anos – apenas pelo envio de uma simples ameba. Qual a finalidade? Seria o mesmo que perguntar "qual a finalidade da vida?" A vida existe por si mesma e os kadmons e outros povos do universo queriam vê-la prosperar para que tudo desabrochasse como em um extraordinário jardim.

Evitar a morte de uma estrela era considerado impossível e em geral os construtores cósmicos não interferiam nesse ciclo. No fim das contas, não era preciso, pois um sistema solar que deixava de existir também não passava de mais um fenômeno temporário, assim como uma estrela que se tornava um buraco negro. Os kadmons acreditavam que, após alguns bilhões de anos, uma nova estrela e um novo sistema solar poderiam tomar o lugar de um buraco negro, que desapareceria aos poucos, substituído pela matéria dos jorros cósmicos dos buracos brancos e tragado pela única constância do universo, seu dinamismo, ao mesmo tempo pacato, estendendo-se por vários bilhões de anos, e estrondoso, pelas proporções, pela precisão e pela intensidade dos poderes galácticos.

– É óbvio que não acredito que os seres deste planeta possuam uma consciência comparável à nossa. – Promei retomou a fala, mesmo diante do pequeno rodamoinho caótico que se formara entre

ele e o respeitável Melchor. – Mas alguma forma de consciência sim. Nada neste universo é gratuito. Ou por acaso sugere que os heloins sejam tolos?
– A tolice e a sabedoria podem ser encaradas como meros conceitos. Talvez agora esteja compreendendo um pouco do seu raciocínio. – No entanto, Melchor não desfazia a postura desdenhosa.
– Quando falo de uma consciência que não é comparável à nossa, não falo de inferioridade ou superioridade. Todos, no fundo, somos ondas no oceano ou bolhas sobre ele. Mas ondas ou bolhas que diferem em muito uma da outra; e o mesmo que se passa entre os indivíduos acontece entre as espécies. Não acredito em bio-hierarquias. Cada coisa ou ser cumpre com sua específica e valiosa função.
– Não caia em um erro tolo, meu caro jovem. Todas as espécies têm sua importância, mas neste planeta e em Hedin alguém além de nós transcendeu a dissolução?

Promei renunciou ao debate. Ao mudar de assunto, pouco depois, percebeu que Melchor ficara visivelmente satisfeito. Não havia entre os kadmons uma cultura de competição, de vencer ou perder. Entretanto, aquele assunto causava um desconforto considerável no biorenovador. Assim que se viu livre daquela discussão, sem sentido do seu ponto de vista, exultou em seu íntimo.

Mas Promei era diferente. Diferente de todos os outros de sua espécie. E não se tratava apenas de uma diferença de idade. Cogitou se alguma célula ou mesmo algum pequeno átomo ou elétron de algum ser de Seivar se embrenhara na matéria de seu antecessor. Dessa forma, como primeiro kadmon nascido na Terra, conteria também, embora mínimas, influências do novo planeta em sua constituição. Nada mais explicaria as gritantes diferenças de atitude e personalidade em relação a seus semelhantes.

Qualquer mínima diferença, para um kadmon, era um abismo de distância.

***

Alguns milhões de anos se passaram. Promei se sentiu pleno ao mais uma vez poder contemplar de perto a natureza de Seivar. Sim, não era a primeira vez que saía em uma expedição, mas naquele dia um entusiasmo irrefreável preencheu seu corpo e sua alma.

Seus mais novos uniformes, prateados e com grandes capacetes translúcidos e redondos, além de turbinas nas costas para quando quisessem voar, que iriam ser testados justamente durante a expedição, possuíam uma série de utilidades: tornavam os viajantes invisíveis, inaudíveis e inodoros diante das bestas; internamente, uma conexão do capacete com a protuberância na testa

possibilitava uma tremenda intensificação da visão, ao mesmo tempo telescópio e microscópio; ainda no capacete, havia reservas de oxigênio suficientes para respirar embaixo d'água por horas; e, equipados com pistolas munidas de projéteis tranquilizantes, forneciam segurança suficiente para domar qualquer fera no caso de todo o resto falhar. Bastava apertar o botão correto para ativar cada função.

Ao se contemplar a natureza, as folhagens das altas coníferas e araucárias não escapavam do bando de riojassauros de pescoços compridos e corpos maciços, que arrancavam o que queriam com seus dentes em forma de anzóis. Mais perto do rio, estendia-se um crocodiliano com a pele cheia de calombos; e um diminuto réptil bípede saltava para apanhar um pterossauro menor do que ele.

No chão, predominavam as samambaias e os dinossauros predadores de não mais de sessenta centímetros, que se nutriam de baratas e outros insetos.

Um celófise, de corpo esguio sobre duas pernas, devorava um filhote da própria espécie. Logo chegaria a mãe do pequenino e o conflito fratricida prosseguiria.

Entre os gigantes, os plateossauros impressionavam quando se erguiam sobre duas patas. Tornavam-se colossos pescoçudos capazes de alcançar as árvores mais altas.

A única coisa à qual Promei não direcionou sua atenção foi a uma das novas maravilhas, um dos *engenhos orgânicos* – como costumava defini-los Caspar – produzidos em laboratórios kadmons e dado de *presente* a Seivar. Um estranho réptil peludo. Baixo apesar dos dois metros de comprimento. Com quatro pernas curtas e maciças, dotadas de garras afiadas nos pés chatos. A cabeça comprida com músculos fortes prendendo os maxilares, caninos poderosos e duas passagens de ar separadas – podia assim comer e respirar ao mesmo tempo – , além de bigodes de cada lado do focinho. Cada pelo de bigode, aliás, dotado na raiz de um nervo e de um pequeno vaso sanguíneo, o que ajudava a perceber objetos e sentir movimentos no ar.

Não caminhava, como os grandes répteis, com os membros se esparramando para os lados, mas com uma velocidade e uma firmeza surpreendentes para um quadrúpede de então.

A criatura não tinha culpa e Promei estava consciente disso. Mas não conseguia não sentir ojeriza da interferência constante de sua espécie naquele ambiente que a seu ver resultava cada vez mais radioso e harmônico. Suas ideias haviam mudado, embora essa mudança não tivesse resultado em deixá-lo *semelhante aos semelhantes*. Seguia sem se adequar. Agora, sempre que via algum ser gerado de uma experiência de laboratório e colocado no planeta, em vez de se entusiasmar

como seus semelhantes e estudar o comportamento da criatura artificial em seu novo habitat, tinha era vontade de levá-la à Oceano para que ficasse longe do ambiente do qual não fazia parte e que fatalmente desarmonizaria.

De alguém que desejara mais velocidade nas mudanças e experimentalismos, o caminho mais incisivo para os heloins – perda de tempo trocar um gene aqui, outro ali! – passara a se opor a estes e a qualquer forma de intromissão ao contemplar a natureza perfeita do planeta, que aprendera a amar. Seivar uma borboleta plenamente desenvolvida. Qual a vantagem de se tornar um heloin, diante de tamanha beleza? Afeiçoara-se, à sua maneira. Sentia suas células conectadas àquele terreno.

Os kadmons já tinham seu planeta: a Oceano. Por que interferir noutro?

Ficava, na verdade, cada vez mais diferente de seus semelhantes. Transitava entre sentimentos, emoções e pensamentos instáveis, opiniões transitórias e transbordamentos estéticos. Definitivamente, os elétrons locais haviam contagiado os núcleos de seus átomos, suas moléculas, suas células, seu corpo e sua alma.

– Promei! Você está visível! – advertiu-o Thersin, o kadmon de cabelos avermelhados e olhos violetas.

Não preciso ficar invisível. Quero que me vejam! Se esses monstros criados em laboratório têm o direito de circular livremente por aqui, eu também

tenho! Sou tão seivariano quanto eles, aproximava-se de um celófise canibal, que o encarou, desconfiado.
– A nossa finalidade aqui hoje não é observar as espécies animais e sim testar nosso uniforme – prosseguiu Thersin. – Algumas dessas criaturas podem ser perigosas!

Bori, um bioesteticista de cabelos azulados e olhos verdes, dono de uma aparência geral que reconheceríamos como mais feminina, com traços mais suavizados do que os da maioria ali, balançou a cabeça de cima para baixo, o que para os kadmons significava uma flagrante desaprovação. Aparentava ser o líder do grupo, pois de todos ali era o que de mais expedições participara em Seivar.

A aparelhagem do capacete permitia a Promei ainda enxergar seus companheiros, embora ele estivesse visível e os demais invisíveis.
– Enquanto nós fazemos de tudo para nos aproximarmos uns dos outros, esses pequenos monstros devoram seus próprios semelhantes! – Thersin fitou o celófise com desprezo e um pouco de temor. – Não deveria nem se dignar a olhá-los!
– Por acaso você tem medo que eu me torne parecido com eles? Que deixe de lamber os pés e as bundas dos meus semelhantes para me voltar contra todos? – Promei foi incisivo em sua resposta.
– Ah… Promei… – Thersin gaguejou. – Eu… não...

– Não quis dizer isso? Será mesmo? Será que me acredita tão burro e inferior a ponto de ser suscetível à sugestão de uma espécie que você definiria como primitiva e inferior?
– Já chega. – Bori, calmo e de andar gracioso, foi até Promei. – Promei, escute-me com atenção: provocar discussões estéreis não é algo que nosso povo cultiva e incentiva. O silêncio é sempre preferível à verborragia conflitiva.
– Esconder é uma atitude mais sã do que revelar só porque o expor pode nos deixar descobertos e vulneráveis a receber ferimentos?
– A desarmonia e a desordem que são a questão. Parece até que você ainda tem na sua mente…
– A memória do Promei *rebelde*? Sim, ainda tenho toda ela nas minhas células. – Apontou para si mesmo, sorrindo de dentro do capacete.
– Deveria perder a mania de se antecipar ao que a outra pessoa vai dizer. É profundamente desagradável.
– Só porque prefiro antecipar as verdades em lugar de escondê-las?
– Você está enxergando tudo de uma maneira equivocada. Se considera nossa sociedade uma prisão, por que não vai viver entre os répteis?
– Não precisa ficar irritado.
– E não estou. – Contudo, Bori deu as costas a Promei e fez um sinal rápido com a mão direita, como se estivesse dando um tapa no ar, para que o grupo voltasse a seguir adiante.

Retomaram a expedição. O celófise só desgrudou os olhos de Promei com a reativação da invisibilidade. Muito maior no mar a importância desta última. Sobretudo devido à presença dos enormes predadores aquáticos.

Promei ficou impressionado com os ictiossauros de pele espessa, com quase quatro metros de comprimento, amplas órbitas oculares e dentes afiados e tortos, cujo focinho longo servia até para cavoucar os bancos de areia em busca de alimentos. Tinham pequenas nadadeiras e barbatanas dorsais e se movimentavam com prumo. Diante deles, faltou coragem para retomar sua visibilidade. Enquanto Thersin, mesmo invisível, receava dirigir sua atenção aos répteis marinhos. Preferia direcionar o olhar para as belemnites, as amonites ou os celacantos.

O uniforme funcionava de forma perfeita, o que fez com que Bori ficasse em parte satisfeito com a expedição. Por completo era impossível, pois a rebeldia de Promei, sentida à distância, ainda incomodava. Qualquer mínimo sinal de desarmonia ressoava em seus ouvidos como um guincho estridente.

Era como se fosse inerente a Promei, sempre curioso e contraditório, o fascínio pelo bizarro. Perturbava-o e intrigava-o com sua instabilidade, ainda mais agora que revelara um certo interesse nos celófises canibais. Nunca nenhum kadmon se

dignara a observar com tanta atenção aquelas criaturas de instintos abjetos.

Isso deveria ser preocupante?

II

Mais um longo tempo transcorreu e Promei passou a acreditar que *as mudanças bruscas sim servem, mas esse experimentalismo tolo e cruel, que não modifica em nada a nossa consciência e só serve para satisfazer os nossos egos, definitivamente não. Os heloins tratam as criaturas dos planetas que gerenciam com respeito e razão: objetividade. Ora, não há que se confundir razão e cautela excessiva: a razão é rápida, é a resposta que vem como reação ao problema. E o que é brusco e repentino renova, não permite que desenvolvamos novas cascas, não nos deixa tempo para isso.*

Quanto às cascas já acumuladas, se formos lerdos e constantemente adiarmos sua remoção, só iremos facilitar o surgimento de novas e o incremento da resistência das antigas.

O kadmon típico adia, espera, coloca a gota de óleo na água para estudar a reação dez mil anos depois! É por isso que sinto, paradoxalmente, como se a falta da morte tivesse nos deixado mortos, para a palavra *morte* e seus derivados, criara neologismos juntando termos correspondentes a *fim*, *existência*, *violência* e *solubilidade*. Era dotado de grande inteligência verbal. *Nos achamos muito inteligentes e criativos, mas caímos no jogo da morte! Ao pensar que a transcendemos, na verdade nos tornamos mortos*

em vida! Posso tentar mudar? Sozinho, diria que é impossível. A menos que me torne um heloin; e antes de todos os outros. Para isso sim valeria a pena virar um heloin! Não adianta nada ser uma simples bolha sobre o oceano. É preciso ser um novo oceano. Mas será que isso é possível? Não, o oceano é um só! Preciso agir como um raio de luz. Não há outra forma. Qualquer outra expectativa é inútil. Qualquer outro plano ou perspectiva é vão. Os kadmons precisam de luz, de vida! De tanto estarem na vida, respirarem vida, encararem a vida, tiveram uma overdose de vida e se esqueceram de viver. Vou tentar, sozinho, como kadmon que sou. Nem que tenha que estourar, e que meu estouro acorde algumas ondas orgulhosas. Será que preciso explodir? Promei, você não pode sentir medo. Não pode morrer. Você é o único vivo. Deixe o raio de luz renovar o planeta, purificar seu povo, injetar mais vida na vida. E agora!

***

Certo dia chuvoso, Promei saiu sozinho da Oceano e ficou flutuando no ar, suspenso pelas turbinas de seu equipamento. Observava um celófise que perseguia um filhote de sua própria espécie.

O pequenino, aterrorizado, escorregou nas pedras cobertas de musgos e caiu. Sem demora, o adulto

começou a arrancar grandes nacos de carne com seus dentes e as garras de suas patas, que ficaram repletas de sangue da presa. Contudo, o filhote conseguiu fazer arranhões letais no pescoço do maior, que, encerrada a refeição, precisou voltar a caminhar sozinho sob o aguaceiro, mas já sem a mesma força e vigor de antes. O sangue escorria com a chuva.

Logo, ao que tudo indicava atraídos pelo cheiro da carne umedecida, mais celófises, famintos, membros de um grande bando, emergiram das matas. Alguns devoraram os restos do pequeno exemplar de sua própria espécie. Outros foram adiante, perseguindo o ferido.

A fraqueza tomava conta de seu corpo, que terminaria dilacerado por seus semelhantes.

Cada vez mais isolado em si, Promei se questionou se sua espécie era mesmo diferente daqueles répteis canibais.

Assim como todos os kadmons, não conhecia a palavra *amor*. Mas Promei, e apenas ele entre seus semelhantes, tinha algo do sentimento.

Novas espécies eram introduzidas artificialmente a cada dia e isso perturbava o amor interiorizado que sentia por Seivar. Um amor que não podia compartilhar com ninguém e que sequer ele compreendia em sua totalidade, pois a compreensão muitas vezes depende do diálogo.

Os morganucodontes, diminutos seres semelhantes a roedores, com traços reptilianos,

cujas famílias inteiras cabiam em pegadas de plateossauros, eram a mais nova criação dos kadmons. Quanta pequeneza!

O que deu esperanças a Promei foi o anúncio que o próximo passo seria maior. Muito maior. O primeiro em direção à arquitetura cósmica, de acordo com Melchor, Caspar e Balthassa: *Ao menos se deram conta que chegou a hora de parar de produzir pequenos parasitas e de pensar no futuro deste planeta e de nossa própria espécie. Se queremos dar o salto decisivo, que seja agora. Basta de continuar adiando e adiando. Talvez o raio de luz que projetei em minha consciência, durante minhas meditações, tenha surtido algum efeito. Uma pena que não exista ninguém com quem compartilhar este segredo; não há compreensão. Não me sinto importante para ninguém, ainda que cada vez mais reconheça minha importância para o cosmo.*

O tempo, contudo, transcorreu, ainda nenhuma grande mudança era vista, e Promei passou a pensar mais na possibilidade de um irmão. Não de um semelhante: de um irmão. Em seu quarto, no silêncio de uma noite densa, uma nova palavra surgira em sua mente; em vez de *briccod*, ou seja, "semelhante", *briccanis*, isto é, uma fusão de *briccod* e *anis*, "compartilhar". Não havia palavras correspondentes a "sonho" no idioma kadmonita. Mas isso não impedia Promei de sonhar. Com os olhos bem abertos. Deixava o pensamento fluir:

Pergunto-me se esta obsessão pela ordem não nos tenha deixado vulneráveis ao caos, ao desmantelamento ao menor sinal de mudança, assim como a morte zombou de nós e nos deixou mortos, iguais às máquinas que julgamos comandar. Sim, julgamos, pois dependemos delas para tudo: para preservar a juventude, para adquirir a aparência que desejamos, para armazenar informações, para não nos fundirmos ao oceano jamais, a não ser por acidente. Será tão ruim assim se integrar ao oceano? Somos essencialmente feitos de água e a natureza é sábia em tudo o que faz. Se somos feitos d'água, a lógica seria algum dia voltar à água de nossa gestação, dissolver as máscaras da existência e enfim regressar ao oceano que formou nossos antepassados. Não passar por um processo de parto, o que seria o natural da nossa espécie, livra-nos de terríveis dores, incômodos e inconveniências; contudo, o que vejo aqui neste planeta é que mesmo entre os répteis canibais existe uma lógica, um ciclo a ser cumprido. Quebrando esse ciclo, estaremos nos tornando realmente deuses ou simplesmente escravos do ambiente em que vivemos? Escravos da vida, e consequentemente autômatos? Que ser gostaria de ser chamado de máquina? Mas é o que somos. Máquinas que gostariam de ser chamadas de deuses! Máquinas que pensam ser possível atingir a consciência de um arquiteto planetário ou

galáctico, porém o abismo que separa nossos conhecimentos do real funcionamento perfeito de um único planeta é o mesmo que separa um grão de poeira de Seivar de uma nebulosa a bilhões de anos-luz.

Somos máquinas ligeiramente mais complexas, mas não deixamos de ser biomáquinas, não transcendemos nada, somos só fugitivos, covardes aterrorizados pela perspectiva da dissolução. Sendo que nada está comprovado: nem a dissolução, nem a continuidade da consciência. Fizemos de uma hipótese a verdade! Teorias não são leis, ao contrário do que as biomáquinas superiores estabeleceram em seu sistema para que seus circuitos fossem domesticados. Além de mim, ninguém se atreve a contestar.

O que temo é que, num futuro distante, os outros kadmons possam fazer comigo o mesmo que os celófises. Também temos uma tendência a ser uma espécie canibal, apesar de nossa aparência pacífica. O diferente entre nós deve ser oprimido e devorado. Depois regurgitado. Eu próprio sou um vômito, lançado sobre este planeta. Minhas células não são puras. E poderá haver um momento em que ordenarão o descarte desse vômito. Não acredito que ocorra logo, mas preciso ficar atento. Enquanto isso, a sociedade kadmon vive em hibernação, em semivida, congelada há milhões de anos. Segue como se nunca tivesse saído de Hedin. Os indivíduos são os mesmos, o lar o mesmo, só os

móveis e acessórios variam de acordo com a nossa vontade, e quem quiser também pode trocar os cabelos ou a cor dos olhos quando se achar entediado com a própria aparência. Mas isso é exercer a vontade? Ou é se render a caprichos externos? Justamente nós, que falamos tanto que tudo é passageiro, transitório e aparente, viramos escravos disso, em lugar de transcender. O desligamento de qualquer essência, a convicção de que tudo é aparência, futilizou o nosso povo, não o tornou desapegado; e a duração indeterminada da vida nos tornou indolentes e pouco criativos. Temos apenas apetrechos, dos quais nos desfazemos de tempos em tempos, mas somos mais vazios do que os nossos computadores domésticos.

Alguém para conversar! É tudo o que necessito. Temo que se continuar assim, isolado por meus semelhantes, a loucura se apodere de mim. Não há registros recentes de um kadmon que tenha enlouquecido. Talvez porque estejam todos loucos! Em um mundo de loucos, quem é saudável? Não vou deixar de ser o que sou para agradar a mecanicidade de um padrão.

Lembro-me de quando Bori afirmou que eu tenho fascínio pelo bizarro. Bori é assim, uma máquina que nada questiona, que se satisfaz apenas por desenvolver sua função. Ao menos é firme; não é como Thersin, que não se move por convicção, mas por medo. Se querem tanto modificar o ambiente, por que não o fazem de uma vez? São lentos,

lerdos! Acham que chegarão à condição de heloins se o processo for lento e gradual, devidamente estudado. Mas lentidão somada a mecanicidade? Não é esse o ritmo da natureza! Que é calma, não lenta; precisa, não mecânica; e pode sim ser bizarra, pois o bizarro não passa de um ponto de vista. Contradição não há em mim ao exigir a aceleração das experiências ou a cessação da interferência se somos incapazes de nos tornarmos heloins, o que está me parecendo cada vez mais evidente. O que quero ver é até onde a mudança pode ir, ou como seria um planeta sem a interferência de qualquer espécie superior. Inteiramente selvagem ou inteiramente moldado. Renovado! Não suporto é essa mecanização da natureza, a introdução de pequenas aberrações no lugar das grandes mudanças, as que realmente provocariam uma alteração substancial no cosmo, o que seria digno de um heloin. Ouvi dos lábios de Melchor, faz algum tempo, que uma grande e decisiva experiência estaria por vir, apesar de indivíduos como Thersin e Bori; e me disse com clareza que finalmente eu me daria por satisfeito, e que o bizarro fora evitado graças à temperança. Sem dar muita atenção aos argumentos dele, pensei que meu raio de luz tivesse surtido resultado. Mas se passou muito tempo outra vez. Não sei se acredito mais! Se o primeiro passo da minha espécie em direção à arquitetura cósmica é